

ESCREVIVÊNCIAS ARTÍSTICAS DE UMA MULHER DE RAÍZES AFRO-INDÍGENAS, NORDESTINA VIVENDO NO SUL

MILENA ELEUSINA FAGUNDES DE ASSUNÇÃO¹;
FELIPE CASTELLANI²

¹Universidade Federal de Pelotas – milенаeleusina@outlook.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – felipemerkercastellani@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa de caráter autoetnográfico tem como foco o desenvolvimento de uma escrita reflexiva de minha trajetória artística, na qual se colocam em interação temáticas sociais e narrativas subjetivas, demarcadas aqui como “Escrevivências artísticas de uma mulher de raízes afro-indígena, nordestina vivendo no sul”. O objetivo da pesquisa é contribuir com o debate acadêmico acerca da luta e educação antirracista, por meio do desdobramento do ativismo musical enquanto ferramenta de combate ao apagamento de memória da cultura afro-indígena. Lançando mão de uma abordagem interseccional, analisarei as camadas de opressão manuseadas pela estrutura colonial racista, machista e capitalista que atravessam essas narrativas. Encarando assim, estes conjuntos sociais a partir da “a interação simultânea das avenidas identitárias” (AKOTIRENE, 2019) que música, raça, classe, gênero e territorialidade realizam neste contexto.

O desenvolvimento do projeto ocorreu no âmbito do Programa de Bolsa de iniciação Científica e Tecnológica da UFPel - CPesq, vinculado ao projeto de pesquisa Som, Racialidade e Território: perspectivas afro-diaspóricas - (UFPEL - FAPERGS) coordenado pelo Prof. Dr. Felipe Merker Castellani. A pesquisa parte da necessidade de criação de um olhar decolonial no campo da música, trazendo para o centro da discussão acadêmica, vozes que historicamente sofreram com o silenciamento, proporcionando discussões teóricas para a construção de uma abordagem que reconheça a importância do lugar político carregado por negras, negros e indígenas.

As ferramentas metodológicas que recorro no presente trabalho são: o conceito de escrevivência cunhado por EVARISTO; CONCEIÇÃO (1994), unido ao conceito de interseccionalidade sistematizado por CRENSHAW; KIMBÉRLE (1989). Estas ferramentas, somadas ao método autoetnográfico, serviram de referenciais teórico-metodológicos para uma escrita acadêmica que entende a música como instrumento de reflexão e identificação das vias de opressões estruturais.

2. METODOLOGIA

A ferramenta que ofereceu aporte teórico-metodológico a pesquisa acadêmica foi a autoetnografia, voltado ao “estudo de grupos sociais em que o

pesquisador faz parte, reunindo seus objetos e universos de pesquisa” (MAIA; BAPTISTA, 2020). Tal abordagem proporciona um diálogo entre a escrita reflexiva e a discussão de temáticas sócio-culturais, registrando as narrativas de corpos atravessados por vivências coletivas e identificando os marcadores sociais de raça, gênero, classe e território. Afirmar essa pesquisa autoetnográfica alinhada a demais ferramentas teórico-metodológicas, como a escrevivência cunhada por EVARISTO; CONCEIÇÃO (1994) e a interseccionalidade organizado pela pensadora CRENSHAW; KIMBÉRLE (1989) é unir a pesquisa acadêmica ao ativismo musical, reverberando assim o “conjunto de intelectuais negras que trazem o ativismo para sua prática cotidiana de transformação dentro da universidade” (FELISBERTO, 2020).

A participação no projeto Som, Racialidade e Território: perspectivas afro-diaspóricas, coordenado pelo Prof. Dr. Felipe Merker Castellani no Centro de Artes - UFPEL foi base para o desenvolvimento da revisão bibliográfica da pesquisa, auxiliando na produção científica através de leituras e rodas de conversa com debates críticos acerca de temáticas decoloniais e afro-diaspóricas. Também faz parte da construção metodológica da pesquisa acadêmica e criativa a participação no Grupo de Improvisação Livre - G.I.L /UFPEL, no qual foram realizadas pesquisas criativas para o desenvolvimento de intervenções musicais. Intervenções que objetivavam questionar o modelo monocultural nos currículos dos cursos do campo da música, indo de encontro a pensar outras cosmovisões musicais e valorizando a oralidade na prática musical, rompendo com as grades da partitura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das frentes de discussões teóricas foi desenvolvida a produção da pesquisa “Escrevivências artísticas de uma mulher de raízes afro-indígenas, nordestina vivendo no sul”. A pesquisa é uma reflexão sobre as práticas musicais afro-diaspóricas, afro-indígenas e nordestinas que venho tecendo no Rio grande do Sul, alinhadas ao conceito-ferramenta Escrevivência cunhado por EVARISTO; CONCEIÇÃO (1996) e ao conceito Interseccionalidade sistematizado por CRENSHAW; KIMBÉRLE (1989).

Tais aportes teórico-metodológicos foram relevantes para refletir sobre as narrativas individuais e coletivas na construção da pesquisa acadêmica-criativa, compreendendo “à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019). Foram também importantes para afirmar esse corpo coletivo, cujas vivências encaram os atravessados dos marcadores sociais estruturais que articulam vias de opressões coloniais, sexistas e patriarcais. Opressões estruturais que desfavorecem grupos sociais, marginalizando-os, sejam estes negros, mulheres, pobres, LGBTQIA+ ou nordestinos. Grupos que vivem tais narrativas sofrem estes atravessamentos de forma interseccional, colocando “mulheres negras acidentadas, múltiplas vezes, em avenidas identitárias” (AKOTIRENE, 2019). Escrever um projeto de pesquisa autoetnográfico colocando tais narrativas em discussão com demais vozes negras que realizam debates sociais e que estão em circularidade na academia, indagando a estrutura colonial é um ato político e revolucionário. Como afirma FELISBERTO: “...pois já construímos fundamentos teóricos alinhados com nossas realidades territoriais, de enfrentamento ao racismo, de gênero e econômicas, que reordenam novas latitudes epistemológicas”. (FELISBERTO, 2020).

Através da produção acadêmica participei de eventos acadêmicos de pesquisa na área da música, como no Seminário de Pesquisa em Música - UFSM, o evento Agosto Negro no Centro de Artes - UFPel, onde foi realizado o compartilhamento da produção científica. Também contribui com a escrita coletiva do resumo acadêmico para o evento Novas Tríades - UFSM. Junto ao Grupo de Improvisação Livre (G.I.L/UFPEL) foram apresentadas intervenções musicais na Mostra de Criação Musical do Bacharelados em Música - UFPEL, no projeto UNIFICA - UFPEL.

Também destaco a participação no papel de pesquisadora e atração cultural na roda de conversa “Mulheres negras do Rio Grande: escrevivências em ação”, realizada para afirmação da escrevivência como “a escrita coletiva de nós” (DUARTE; NUNES, 2020), evento que ocorreu dentro da exposição artística Seio Brasileiro Ventre Africano. Também participei do Recital de Consciência Negra, a 21ª Mostra Universitária, ambos na FURG - Rio Grande. Por fim, menciono também a performance autoral realizada na atividade “Café Com Agroecologia” do Programa Educacional Tutorial Diversidade e Tolerância - PET DT.

Através dos embasamentos teórico-metodológicos, centrados em referenciais afro-diaspóricos e afro-indígenas, também se tem como resultado o amadurecimento do meu processo de pesquisa criativa, através da formação crítica na construção das performances e composições musicais. Nesse sentido, menciono o resultado da elaboração do repertório musical Lugarejo¹, com a perspectiva de um ativismo musical em combate ao apagamento de memória de artistas locais pelotenses, como o compositor e mestre griô Giba Giba e a cantora Giamare). O repertório realiza um encontro de elementos musicais de artistas negros do Rio grande do Sul, com artistas negros do nordeste e sua musicalidade, fazendo releituras de canções afro-gaúchas em versão de samba de coco e maracatu. Além da construção desse repertório, também fui contemplada com a aprovação do repertório Lugarejo no edital “Festival de Verão”, promovido pela Secretaria de Cultura de Pelotas - Secult.

A escrevivência como ferramenta metodológica proporcionou o empoderamento necessário para dialogar com tais musicalidades, fortalecendo o entendimento da música como uma ferramenta de combate ao apagamento da memória afro-indígena e como lugar de denúncia do epistemicídio e genocídio que atinge as populações periféricas. Compreendo tanto a pesquisa na música, quanto a composição, como um processo de visibilização de vivências afro-indígenas e periféricas e de contação de escrevivências de outros artistas negros/as da cultura popular.

Tais conceitos e filtros analíticos, sensibilizam o reconhecimento do lugar de racialização que negros e indígenas são colocados e a violência colonial histórica, sofrida por esses grupos. Seja na escrita musical, poética ou acadêmica, escrever é “uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o *objeto* mas o *sujeito*. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (KILOMBA, 2019).

4. CONCLUSÕES

¹ vídeo da música “Outro Um / na mata eu sou flor” canção de Giba Giba e Leu Kalunga em samba de coco. <https://www.youtube.com/watch?v=tE-2eYZrR0g>

As principais contribuições do projeto de pesquisa autoetnográfico foi registrar narrativas afro-indígenas, contribuindo com a discussão acerca das camadas de violência que atingem esses grupos por meio da escrita reflexiva na primeira pessoa, fundamentada em aportes teóricos cunhados e sistematizados por autoras negras. O projeto também contribuiu com a denúncia de epistemicídio e apagamento de memória sofrido por artistas negros e afro-indígenas. Através do diálogo entre pesquisa acadêmica e pesquisa criativa também foi possível contribuir com a propagação de canções de artistas negros do sul e do nordeste, através da entrega do show “Lugarejo” a comunidade de Pelotas e Rio Grande.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAIA, S. BAPTISTA, J. Reflexões sobre a Autoetnografia. **Prelúdios**, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, ago./dez. 2020.

FELISBERTO, F. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, C.L; NUNES, I.R. **Escrivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. São Paulo: Mina, 2020. Cap. 10 p. 164-180.

AKOTIRENE, C. Cruzando o atlântico em memória da interseccionalidade. IN: AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Org. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Polén; Sueli Carneiro. 2019. Cap. 1. p. 13-20.

NASCIMENTO, B. Nossa democracia racial. IN: RATTS, A. **Eu sou atlântica**. São Paulo: Imprensaoficial. 2006, Cap. 5 p. 53-59.

NEVES, J. GOMES, A. Dororidade, Interseccionalidade e Vivências cotidianas. **D'genderus**: Revista de Estudos Feministas e de Gênero. Pelotas – RS. v. 01. 2022.